



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

DA ÁFRICA A TIJUCA: MEMÓRIAS ESPACIAIS E ANCESTRALIDADES NOS ARREDORES DA ESCOLA

RESUMO

Iniciativas recentes apontam a importância de geografias que considerem as infâncias. Neste sentido, as formas de vivência espacial vêm sendo cada vez mais difundidas, num processo que contribui significativamente para a compreensão das dimensões socioculturais dos espaços da cidade. Esse movimento dialoga com a produção de sentidos ao considerar múltiplos contextos. Operamos com a ideia de que o espaço geográfico implica os estudos do meio, da paisagem, das relações econômicas e sociais a partir das inserções cotidianas dos estudantes. Este campo guarda uma relação muito próxima com a história. O trabalho de campo, aqui denominado de expedição foi realizado com 60 crianças do quinto ano de escolaridade do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP UERJ e pode ser exemplificado através de quatro vetores: o reconhecimento dos povos africanos e indígenas brasileiros como criadores de cultura, a caracterização do espaço urbano local e as construções de diferentes periodizações históricas, o estudo caracterizar dos modelos econômicos vigentes e a valorização da memória e resistência histórica dos descendentes de africanos e de povos indígenas. Os resultados da proposta indicam que para uma prática educativa seja calcada em uma lógica espacial multiescalar é necessário romper com o movimento cartesiano que parte do espaço próximo para o mais distante.

Palavras-chave: Culturas da infância, Geografia da infância, Protagonismo geográfico.

INTRODUÇÃO

Iniciamos esforços para a construção do lugar como dimensão explicativa da realidade, para além de seus aspectos físicos, incluindo suas dimensões culturais, sociais e econômicas. Acreditamos que o estímulo a pensar na história e geografia particular da cidade, a partir do plano vivido, pode contribuir para uma descolonização do ensino nos anos iniciais. O ponto de partida, aqui, são práticas realizadas com três turmas de quinto ano do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), situado no bairro do Rio Comprido. Aqui tentamos posicionar o estudante em sua pluralidade: ao mesmo tempo em que pesquisa, investiga, é também objeto de estudo pois se constitui por sua trajetória, que é histórico-geográfica.

Uma das questões centrais do trabalho proposto diz respeito a desnaturalização dos processos de construção das relações sociais, econômicas e culturais, o que demanda um olhar crítico sobre a constituição dos lugares, enquanto resultado de relações de poder e práticas sociais. Ou seja, o que os estudantes concebem como dado e natural, vai se mostrando como historicamente construído.



atitudinal, que atravessa todos os anos de escolaridade, de modo que os estudantes compreendam o local, o bairro, a Cidade e o Estado como campos de investigação. A busca é desnaturalizar um olhar do senso comum aos espaços e ambientes, substituindo pela complexidade na observação e compreensão dos territórios onde pululam marcas geográficas e sócio-históricas dos povos e culturas que habitaram essas regiões.

Para isto, explicamos aos estudantes o contexto histórico que permeou a fundação da cidade do Rio de Janeiro, bem como seu impacto na construção da memória da população. Ressaltamos especialmente a contribuição de diversos povos africanos na arquitetura, cultura e na economia da cidade, constituindo um acervo significativo relacionado à ancestralidade.

Para Carneiro (2009), o trabalho de campo é benéfico e cumpre seus objetivos científicos e pedagógicos. Portanto, dizemos que ele foi utilizado para vários fins pelos povos, correntes científicas e escolas geográficas. Para o autor, o trabalho de campo serve como um laboratório, e os registros da investigação assumem grande importância.

Entendemos que estes são desenvolvimentos analíticos a serem trabalhados nas aulas. Mais modestamente, discutimos aqui atividades e a possibilidade de inserção de temas que dialogassem com os espaços vividos pelas crianças e sobretudo por meio destas atividades pudessem perceber a dimensão racial do espaço na cidade, a partir dos símbolos Adinkras. De acordo com Lopes (2024) as narrativas infantis precisam conviver com a dos adultos, pois existem cotejos que precisam ser considerados. Na discussão sobre geografias infantis, torna-se fundamental ressaltar a relevância de uma caminhada transformadora, que nunca se faz sozinho, mas em alteridade.

O incentivo da curiosidade ao apresentar imagens antigas da cidade ou mesmo a apresentação dos ideogramas Adinkras¹ nas rodas de conversa a partir da leitura de um artigo da revista Ciência Hoje das Crianças (CHC) foram importantes para a compreensão da grafagem do espaço. É possível considerar a existência de um campo de disputa que se debruça sobre o saber urbano ao tematizar a questão racial.

METODOLOGIA

¹ Nas palavras de Larkin (2009, p. 24): “Adinkra trata-se de um antigo sistema africano de escrita. A importância desse fato é incomensurável porque a ciência etnocentrista europeia negou que a África tivesse história alegando que seus povos nunca criaram sistemas de escrita. Ledo engano, pois, além dos hieróglifos egípcios, existem inúmeras escritas africanas antes da escrita árabe.



Com o objetivo de estudar aspectos da história e cultura afro-brasileira e a sua participação na formação da população brasileira, conversamos com os alunos sobre como os símbolos Adinkras apareceram na fachada da Fundação e seus significados, importantes na construção da arquitetura da cidade através da metalurgia. Também abordamos suas ressignificações espaciais.

No local puderam registrar no seu caderno de campo alguns símbolos e compará-los com os estudados em sala como por exemplo o símbolo Adinkra que se chama Sankofa, que é um pássaro com a cabeça voltada para trás, lembrando um coração, que quer dizer “san (voltar, retornar), ko(ir) e fa (buscar) (CHC, 2022) é um dos ideogramas africanos mais utilizado no mundo e no Brasil em portas, portões e janelas.

Reservamos um tempo para compartilhar com a turma como existem símbolos simétricos e assimétricos nessa linguagem. Discutimos também o domínio desses povos sobre o metal, uma forma de levantar outras contribuições pertinentes a história do Brasil.

Renato Emerson dos Santos (2009, p.13) aponta que não nos basta inserir conteúdos sobre a África, é preciso mudar o que se ensina sobre Europa e sobre a América. No século XIX não só metais eram destinados aos europeus. Na África central, as técnicas de metalurgia eram dominadas por diversos povos. E foram esses exímios ferreiros africanos que desenvolveram seu trabalho no Brasil. Em frente aos pesados portões com as inscrições Adinkras os estudantes tiveram a oportunidade de registrar nos seus cadernos de campo alguns símbolos e compará-los com os estudados em sala.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os resultados da expedição, um aspecto que transbordamos em relação ao planejamento inicial, foi a experiência afetiva que as crianças vivenciaram com os transeuntes, moradores e comerciantes que cruzaram o caminho do grupo de pequenos pesquisadores, perceptível nos sorrisos, palavras gentis, na observação curiosa. O cuidado e gentileza dos motoristas, aguardando a travessia de ruas e avenidas, também foram observados.

Tal constatação nos possibilita tensionar visões hegemônicas de uma cidade exclusivamente violenta com as infâncias e pensar na necessidade de construção da dimensão do cuidado nas cidades, pois sabemos o quanto a construção do espaço pode ser hostil para determinados grupos e seus corpos. A presença das crianças ressalta a importância de um planejamento urbano voltado também às suas necessidades e que estimule sua presença de



forma segura. Por isso, conhecemos as ruas e as relações que estabelecemos durante o trajeto da expedição também como espaços/tempos importantes de exploração, descobertas e interações em seu potencial educativo.

Outro aspecto observado foi perceber o cansaço de muitos estudantes em realizar um pequeno trajeto próximo ao CAP-UERJ, mas a alegria de participar dessa expedição acabou superando o efeito da fadiga. Nas conversas posteriores, realizadas nas salas de aulas, algumas questões foram mencionadas e a mais enfatizada foi a de que muitas famílias não costumam andar pelas ruas da cidade com as crianças.

Ao buscar, nas edificações, os indícios que denotam a presença da tecnologia africana na arquitetura, as crianças perceberam a contemporaneidade desse legado. Várias delas, que moram nos arredores, ou que fazem o trajeto cotidianamente, demonstraram-se surpresas por identificar elementos que sempre estiveram disponíveis na paisagem, embora não vistos. Esse foi um dos principais exercícios que realizamos com nossos olhares de pesquisadoras e pesquisadores, ou seja, estranhar aquilo com o que já nos habituamos e naturalizamos.

Esses símbolos – Adinkras – que atravessaram o Atlântico representam também uma filosofia e apontam princípios civilizatórios, que foram abordados em sala de aula. Nesse sentido, contribuímos para o reconhecimento dos povos africanos enquanto produtores de conhecimentos em sua forma de ser e estar no mundo. Ademais, de acordo com Elisa Larkin e Luiz Carlos Gá, os Adinkras constituem um sistema de escrita, o que precisa ser ressaltado, pois os povos africanos têm sido por vezes representados como ágrafos (2022, p.20)

Esse reconhecimento é fundamental, uma vez que também visitamos um espaço legitimado enquanto patrimônio, a Igreja dos Capuchinhos. Para as crianças, o aprendizado em relação às formas de estar em cada lugar foi um desafio, pois o espaço religioso demandou uma postura diferenciada daquela adotada na rua. Além disso, houve também a necessidade de escuta, pois tivemos um anfitrião durante a incursão ao templo.

A Igreja dos Capuchinhos é representativa das modificações realizadas na paisagem da cidade do Rio de Janeiro, pois localizava-se no Morro do Castelo, que foi destruído a jato d'água. As crianças foram percebendo as interações entre as paisagens naturais e as intervenções humanas e vendo como as configurações atuais são frutos das opções feitas anteriormente.

O estudo das relíquias da cidade – a pedra de fundação da cidade, a lápide de Estácio de Sá e a imagem de São Sebastião, do século XVI – relacionou arqueologia, arte, antropologia, história e religião. Registramos que a religião constitui parte importante da cultura dos povos e



XXII ENCONTRO DE SOBRESA PERSPECTIVA QUE REALIZAMOS NOSSAS ABRDAGENS. A abordagem das relíquias também nos permitiu questionar quem define o que precisa ser preservado como memória do território.

As crianças realizaram atividades envolvendo diferentes linguagens, com o objetivo de registrar a expedição. Por isso foram produzidos relatórios escritos com a narrativa do percurso, ilustrações a partir das imagens que impactaram as crianças e mapas dos trajetos. Tais atividades transgridem a lógica disciplinar e permitem o diálogo com os campos do saber necessários para a compreensão da realidade que estudamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conteúdos são desenvolvidos, ao longo do ano letivo, através de projetos de trabalhos que estabelecem uma dinâmica que atendem às diferentes áreas de conhecimentos: Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática e Ciências Naturais. Vale ressaltar que as diferentes áreas acabam se entrelaçando, se complementando e estabelecendo possibilidades de tessitura de tramas na construção de uma grande rede de ideias e conhecimentos diversos. As expedições são momentos ímpares no desenvolvimento dos projetos, onde os estudantes têm a oportunidade de vivenciar experiências novas, estabelecendo relações entre o presente e o passado, comparando acontecimentos da história, construindo noções de localização, organização, representação e estrutura do espaço elaborada de forma dinâmica pela sociedade. É um momento de oportunidade de elaboração de um olhar mais atento aos espaços da cidade e de se pensar em um espaço que possa ser vivido de forma mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, V. A. Concepções de trabalho de campo e ensino de Geografia nas licenciaturas do Sudeste Goiano. 2009. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CARVALHO, I. Para o Alto com Sankofa, na Revista Ciência Hoje das Crianças. 2022.

LOPES, J.J. M. Atrás da porta: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para (con)viver e (co)existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

NASCIMENTO, E. L; GÁ, L. C. (orgs). Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SANTOS, R. E. Rediscutindo o ensino de geografia: temas da Lei 10.639. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.